

## HÁ MÚSICA NO JARDIM

Conquistada aos mouros por D. Afonso Henriques, no século XII, Lisboa passou a ser considerada a principal cidade do país a partir de 1255, fruto da sua localização estratégica, na margem de um excelente estuário, onde podiam aportar todo o tipo de embarcações. Ficaria, a partir de então, estabelecida como capital por força do costume, uma vez que nunca chegou a existir qualquer documento oficial o proclamasse.

Para além das atividades piscatórias, Lisboa viu partir todas as frotas que rumaram no caminho da epopeia dos descobrimentos. A ela chegaram as inúmeras riquezas das conquistas ultramarinas, como chegaram as notícias das vitórias e dos fracassos da nação e de todos os que partiram à conquista do sonho.

De Lisboa partiram os conquistadores, mas também os combatentes da Grande Guerra e da Guerra do Ultramar. Também partiram semanalmente barcos, como o paquete Santa Maria ou o navio Vera Cruz, entre outros, transportando centenas de emigrantes e exilados políticos do Estado Novo, quer para África, quer para a América Latina.

Em Lisboa, as margens do Tejo diluíram sempre por entre as suas águas as lágrimas da saudade dos que ficavam ou dos que perdiam alguém.

Mas não só. Para que esta Lisboa sobrevivesse à beira rio, de olhos voltados para o horizonte, tinha de existir uma outra Lisboa. A dos pequenos comerciantes, dos vendedores ambulantes, dos saloios que vinham da zona de Sintra, de Bucelas, entre outras, vender os seus produtos hortícolas. A Lisboa periférica que servia de porta de entrada a todos os que fugiam de um país rural envelhecido e sem promessas de futuro para tentar a sorte na grande cidade.

O tempo foi passando, e é nesse fio do tempo que encontramos a nossa identidade coletiva.

No ano em que a EMEL cumpre três décadas de existência, celebraremos, a partir do maravilhoso Jardim de Inverno do Palácio dos Lilases, a Lisboa de todos nós, utilizando a música como elo de ligação emocional a diferentes tempos e protagonistas que por ela passaram.

Jenny Silvestre

21 de Março de 2025, 16H  
Flores no tempo. Ode a Natália Correia.  
"Estaciones Porteñas" Astor Piazzolla  
CAMERATA ATLÂNTICA  
Ana Beatriz Manzanilla direção musical

**11 de Abril de 2025 | 17H**

**Poemário de Sophia. Ode ao sonho da liberdade.**  
GRUPO VOCAL OLISIPO  
Armando Possante direção musical

**9 de Maio de 2025, 17H**

**Crítica e entretenimento. Ode à Geração de 70**  
EDUARDA MELO soprano  
TIAGO MATOS barítono  
JOÃO PAULO SANTOS piano e direção musical

**23 de Maio de 2025, 17H**

**Ravel e Benoliel. Dois homens, um tempo.**  
SOLISTAS DA ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

**6 de Junho, 17H**

**De Lisboa para o mundo.**  
QUARTETO DE CLARINETES DE LISBOA

PROGRAMAÇÃO

**11 de Abril de 2025 | 17H**

**Poemário de Sophia**  
Ode ao sonho da liberdade

**GRUPO VOCAL OLISIPO**  
Armando Possante  
direção musical

2025 é marcado por um calendário litúrgico particularmente tardio na celebração da Paixão de Cristo, ocorrendo poucos dias antes da data em que celebramos anualmente a restauração da Liberdade.

Mesmo para todos os que não professem a religião católica, é inegável a constatação de semelhanças simbólicas entre o episódio da Paixão e a Revolução de 25 de Abril de 1974.

Ambos constituem o ponto de chegada de um longo e duríssimo caminho de luta contra a opressão. Ambos revelam um profundo sentimento de redenção, verdadeiras promessas, não só de um novo tempo, mas de um tempo melhor, feito de liberdade.

Uma das formas mais eficazes de transmitir a palavra tem sido, desde tempos imemoriais, a música. Já o grande Eça de Queirós afirmava, no fim do século XIX, que um panfleto constituía um raciocínio, mas uma canção tinha a força de um grito.

E teve. Teve no tempo de Camões que, em pleno século XVI, afirmava "(...) quando cresce / A muita saudade, o piedoso / Remédio é não cantar senão a morte". Teve na denominada "idade de ouro" da música portuguesa, no século XVII, como também foi fundamental nos movimentos de música de intervenção contemporâneos da Revolução dos Cravos.

Muitos foram os poetas que fizeram da inspirada pena a sua principal arma de combate contra a ditadura e a repressão.

Mas não só. Durante a censura e a limitação quase total da manifestação, através da palavra, de pensamentos e sentimentos, cabia à mestria dos poetas não deixar morrer a alma que dá voz à humanidade.

Sophia de Mello Breyner-Andresen foi dos casos mais notáveis da nossa contemporaneidade, do tempo pré e pós revolucionário.

No programa de hoje evocamos a "Música da Palavra", a música criada a partir da profunda inspiração que o Verbo pode encerrar, daquela ténue fronteira que existe entre razão e espiritualidade sempre que mergulhamos sem defesas nem armaduras na verbalização dos pensamentos mais íntimos, verdadeiros atos de fé.

A partir do superlativo "Poemário de Sophia", três pequenas canções para vozes escritas por Eurico Carrapatoso, viajaremos por diferentes perspectivas da música que resulta diretamente da palavra, num jogo de vaivém entre a contemporaneidade e a *idade de ouro* da polifonia portuguesa, fruto inevitável da incontornável relação dialética que existe em todos nós entre o quotidiano rotineiro e superficial e o mais profundo patamar da nossa alma, da nossa espiritualidade.